

EVITANDO UMA GUERRA: CONVERGÊNCIA E INCULTURAÇÃO COMO PONTES NOS MOVIMENTOS LITÚRGICOS DA IELB

AVOIDING A WAR: CONVERGENCE AND INCULTURATION AS
BRIDGES IN BRAZILIAN WORSHIP MOVEMENTS

Mário Rafael Yudi Fukue¹

Resumo: O tópico do presente artigo é a análise sobre a convergência e inculturação como pontes nos movimentos litúrgicos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Mesmo sem possuírem organização oficial, movimentos litúrgicos na IELB surgem espontaneamente. Hoje enfrentam o desafio de evitar conflitos litúrgico-teológicos que podem trazer danos ao Sínodo e congregações. Baseado no conceito de inculturação, conforme defendido por James Marriott, o presente artigo propõe uma teologia de convergência para tecer pontes que fomentem o diálogo e a cooperação sobre culto e liturgia. Dessa forma, acredita-se que “cada geração recebe daqueles que vieram antes e, ao fazer sua a tradição do culto (Serviço Divino), acrescenta o que melhor pode servir em seu próprio dia – a herança viva e algo novo” (NAGEL, 1986, p.6), ou, talvez mais precisamente, a herança viva *como* algo constantemente *renovado*.

Palavras-chave: Culto. Liturgia. Convergência. Inculturação.

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia, São Leopoldo (2004), Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo, RS (2011) e doutorando em Teologia pelo Concordia Seminary, St. Louis, Estados Unidos.

Abstract: The topic of this article is the analysis of convergence and inculturation as bridges in the liturgical movements of the Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB). Even without having official organizations, liturgical movements in the IELB arise spontaneously. Today we face the challenge of avoiding liturgical-theological conflicts that could harm the Synod and its congregations. Based on the concept of inculturation, as advocated by James Marriott, this article proposes a theology of convergence to build bridges that foster dialogue and cooperation on worship and liturgy. In this way, we believed that “each generation receives from those who came before, and in making its own the cult tradition (Divine Service), it adds what it can best serve in its own day – the living heritage and something new” (NAGEL, 1986, p. 6), or, perhaps more precisely, the living heritage as something constantly renewed.

Keywords: Divine service. Liturgy. Convergence. Inculturation.

INTRODUÇÃO

Em 2021, a Juventude Evangélica Luterana do Brasil (JELB) publicou o documento “95 Teses para Igreja Hoje”, e as teses 44 a 55 lidam com o culto. Neste início de artigo, destaco as teses 46 a 48:

46 – Não temos vergonha da tradição litúrgica de nossa igreja. Pelo contrário, cada vez mais nos apaixonamos por ela e temos descoberto sua riqueza e importância (SI 100).

47 – Consentimos também nas formas contemporâneas e contextualizadas de linguagem de culto. Desde que o conteúdo seja preservado e respeitando a relação entre adiaforos e recomendações sinodais, não nos opomos a que nossa liturgia encontre formatos inteligíveis e sensíveis às culturas de cada local (1Co 9.19-23, At 2.11-12, Ap 7.9-10).

48 – Reconhecemos que o culto ao mesmo tempo é para a edificação do povo de Deus e bem como também evangelístico para os visitantes não cristãos (SI 102.18,21-22, Is 2.2-4, Is 56.6-8, SI 105, 1Pe 2.9, 1Co 14.24-25, At 2.11-12).

O documento da JELB não nasce no vácuo. Seus autores parecem responder a uma crescente divergência na IELB sobre o culto. Nessas três teses, fica evidente o desejo por convergência entre “tradição litúrgica” (tese 46) e formas contemporâneas (tese 47). Além disso, os autores também evidenciam o culto como lugar de edificação catequética e de evangelismo. Esse é o espírito deste artigo. Acreditamos que convergência, inculturação e evangelismo podem servir como pontes de diálogo entre movimentos litúrgicos da IELB, e, dessa forma, evitar uma guerra.

CULTO E MISSÃO

No protestantismo brasileiro, a definição mais comum de missão remete à obediência do cristão e da igreja à Grande Comissão (Mt 28; Mc 16). Nesse contexto, missão é entendida como a salvação e conversão de indivíduos (dimensão existencial), expansão do Reino de Deus (dimensão eclesiológica), processo de transformação e implementação do Reino de Deus (teologia da libertação), transformação e conversão da cultura (cosmovisão cristã neocalvinista) e como o envio de missionários para outros territórios. Em suma, missão pode ser vista como propagação da fé, expansão do reinado de Deus, conversão dos pagãos e a fundação de novas igrejas (BOSCH, 2002, p.17).

No entanto, neste artigo trabalho missão como um ato de fala de Deus a partir da *missio Dei*, ou seja, missão como algo derivada do próprio Deus.² Graff (2020) escreve que “o primeiro missionário foi o próprio Deus Pai (Jo 3.16-17); que enviou o FILHO com a missão de buscar e salvar o perdido (Lc 19.10); que enviam o ESPÍRITO, para convencer o mundo do pecado, que há salvação em Jesus Cristo, para converter, para ensinar (Jo 14.26) e apontar para o próprio Cristo”. E o Deus Triúno envia a igreja (Jo 20. 21-23).

2 Conforme Graff (2011, p.32): “David Bosch aponta para a Conferência de Brandemburgo, em 1932, como ponto de partida para uma nova ideia de missão e consequentes implicações para sua conceituação e Teologia. Lá, Karl Barth começou a apresentar a missão como atividade do próprio Deus. Em 1933, Karl Hartenstein manifestou posição parecida. Porém, foi em Tambaram, em 1937, na reunião do Conselho Missionário Internacional, que se alavancou o desenvolvimento dessa nova compreensão de missão. Estava formado o embrião da missão como um ato criativo de Deus e a missão passou a ser colocada na doutrina da Trindade. O auge foi em 1952, na Conferência do CoMin em Willingen. Lá, a ideia foi esculpida com maior precisão”.

Como corpo de Cristo (1Co 12:27), a igreja é participante da missão do Filho. A igreja faz discípulos de Cristo pregando a Palavra, batizando (Mt 28) e administrando a santa ceia. Nesse sentido, missão está organicamente atrelada às marcas visíveis da igreja (Confissão de Augsburgo, VII). Assim sendo, “Igreja que não é uma Igreja em missão, nem Igreja é” (NEWBIGIN, 1995, p.1). Vicedom (1996, p.16) reforça esse ponto de vista afirmando que “não cabe à Igreja decidir se quer fazer missão, mas ela só pode decidir se quer ser Igreja”.

A *missio Dei* pode ser vista como um ato de fala, no qual o Pai envia o *logos* (o Verbo), que encarna e habita entre nós (Fp 2). A encarnação é também um ato de diálogo, no qual Deus se revela à humanidade. Os meios da graça são uma interação dialógica entre Deus e o homem (Rm 10.14). Neles, Deus fala e os seres humanos respondem em fé. Bayer (2007, p.2) afirma que a estrutura básica desse ato de fala é a autodoação de Deus por meio da Palavra da promessa e nosso recebimento por meio das mãos abertas da fé. Além disso, o culto (Serviço Divino) é o centro por excelência dessa troca. Nesse sentido, considerando *missio Dei* como um ato de fala de Deus e o culto como o palco dessa troca, podemos afirmar que o culto é missão, pois no culto Deus se dirige às pessoas por meio da Palavra e dos sacramentos.

Na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), não há controvérsia a respeito. É comum afirmar que “Palavra e sacramentos” são os elementos do culto e que Deus quer que o evangelho seja anunciado a todos os povos. Duas comunidades que oferecem cultos contemporâneos oferecem a santa ceia em todos os cultos. Dessa forma, os quatro principais elementos da ordem do culto, a saber, Palavra, batismo, sagrada comunhão e orações, são aceitos na IELB. As principais divergências em relação ao culto na IELB referem-se à forma de culto, uso da adição, ênfase na santa ceia e uso e papel da música no culto. Acredito que essas diferenças não devem ser ignoradas. No entanto, o problema atual no cenário de culto da IELB é a radicalização e principalmente a falta de diálogo. Dessa forma, a divergência absolutiza e cristaliza o sectarismo e a divisão. Acredito que, assim como a *missio Dei* como ato de falar de Deus por meio da igreja é inerente à igreja, é imperativo que todos conversem sobre as tensões e divergências em relação ao culto. Nesse sentido, acredito que o conceito de inculturação do culto, como

proposto por Marriott (2017, p.217), pode ajudar a construir esses canais de comunicação. Para entender melhor o contexto das divergências de culto nascente na IELB, convido o leitor a conhecer um breve histórico do desenvolvimento litúrgico da IELB.

MOVIMENTO LITÚRGICO NA IELB

Quando o *Deutsche Evangelische Lutherische Synode von Missouri, Ohio und Andern Staaten*, hoje LCMS, decidiu começar o trabalho missionário no Brasil em 1899, na verdade, não iniciava uma missão eterna, mas, sim, uma missão “interna” entre alemães do Brasil.

Por serem herdeiros da cultura e da liturgia do luteranismo alemão, a igreja em solo brasileiro não enfrentou grandes dificuldades em herdar ou transplantar a cultura e liturgia da LCMS. Mesmo assim, Buss (1986) afirma que “os alemães do Brasil não aceitaram pacificamente todas as práticas litúrgicas que lhes eram propostas”. As congregações não estavam acostumadas à inscrição da santa ceia, ao sinal da cruz, uma frequência mais regular nos cultos e na santa ceia e o uso modificado da confissão auricular. Além disso, por suas condições financeiras mais escassas, as igrejas (capelas) eram simples e sem sinos, bancos sem genuflexórios, cruces de madeira simples em vez de crucifixos mais requintados, batinas pretas ao invés de vestes litúrgicas completas (BUSS, 1986).

Somente em 1938, após quatro décadas de uso predominante da língua alemã, a IELB edita o primeiro hinário em língua portuguesa, organizado pelo Rev. Rodolpho Hasse. O pequeno hinário continha uma ordem de culto simplificada sem santa ceia e uma ordem de culto com santa ceia. Prieto e Lehenbauer (1992) escrevem que no período pós-guerra, “principalmente de 1945 a 1960, ainda não se dava muita atenção às questões litúrgicas. O Concílio Vaticano II parece ter impulsionado também mudanças litúrgicas na IELB. Houve grandes acontecimentos dessas mudanças na década de 1980:

- Em 1980, a IELB adotou o sistema Trienal de leituras.
- Na Convenção Nacional de 1986, após 13 anos de estudo e preparo, foi lançado o atual *Hinário Luterano*, que propôs resgates litúrgicos. Foi acrescida a antiga ordem litúrgica (tradicional com

santa ceia) do Hinário de 1938 e acrescida uma nova ordem de culto, que resgatou alguns elementos históricos: a Confissão e Absolvição como parte preparatória ao culto propriamente dito; o Credo posposto ao sermão, como a proclamação de fé diante da palavra ouvida, e a relocação do Ofertório ao seu lugar original, como preparação à santa ceia. A partir da adoção do sistema Trienal de leituras, a IELB também adotou o novo calendário litúrgico, acrescentando as informações sobre os Domingos e Festas maiores e menores.

- Em 1988, aprovação de vestes litúrgicas na Convenção Nacional da IELB (1988 em São Leopoldo – RS).

Prieto e Lehenbauer escrevem que “a passagem do uso da liturgia chamada ‘antiga’ para a ‘nova’ ordem litúrgica (que é a Liturgia II do HL e, na verdade, era mais tradicional e, portanto, mais antiga), foi lenta e gradativa” (BUSS, 1986). Houve algumas vozes dissonantes, como acontece com muitas mudanças. Mas não há registro de turbulências maiores. Em meados dos anos 1990, o uso da Trienal, da alba e estola, dos paramentos e os cultos semanais com santa ceia já estavam generalizados.

Paralelamente aos progressos litúrgicos, a IELB também registrava gradual crescimento da diversidade de instrumentos musicais no culto. Mesmo contando com o preconceito de alguns pastores, o uso do violão se disseminou. Pela praticidade do uso e transporte, o instrumento é amplamente utilizado por pastores no atendimento aos pontos de missão. Nas décadas de 1980 até meados dos anos 2000, os jovens da JELB compuseram músicas, produziram novos cancionários e lançavam novos CDs nos congressos nacionais. Essas novas canções não ficaram restritas às reuniões de jovens, mas também passaram a figurar nos cultos da IELB, ao lado dos hinos do *Hinário*.

Assim, a questão da conscientização litúrgica na IELB é um processo gradual, pertencente basicamente às últimas quatro décadas. Nesses quarenta anos, os resgates litúrgicos foram promovidos organicamente, sem descontinuidade por meio de estudos e palestras em convenções e congressos; moções em convenções: sobre reformulação do *Hinário*, manuais e vestes litúrgicas; publicação de manuais e literatura sobre culto e liturgia; publicação de artigos em revistas teológicas e no *Mensageiro*

Luterano, que incentivavam cultos com santa ceia semanais; disciplinas sobre litúrgica nos seminários; etc.

Apesar de todo esse esforço, uma inculturação que levasse em conta a cultura e as características peculiares do povo brasileiro não parece ter sido uma prioridade. Mesmo assim, o resgate tem sido pacífico e bem-sucedido, e de forma incipiente, mas perceptível e crescente, surgem embates sobre culto e liturgia no Sínodo brasileiro. De um lado, precisamos reconhecer que o resgate litúrgico não manteve o ritmo de avanços nos anos 2010. De outro lado, os jovens não editam ou lançam novas músicas há mais de 15 anos. O último cancionário com novas músicas foi lançado em 2002. Por razões que esse estudo não consegue apontar, o debate sobre o culto não pareceu ser a prioridade da IELB nos últimos 15 anos. Acredito que essa aparente desconsideração represou avanços litúrgicos, seja o resgate de tradições como uma maior inculturação.

Esse anseio represado inundou o Sínodo a partir do advento da internet. Primeiro, neste artigo, quando falamos sobre Movimento de Culto Contemporâneo e Movimento Litúrgico, não estamos nos referindo a instituições ou iniciativas organizadas. Por Movimento de Culto Contemporâneo (MCC), nos referimos à introdução de práticas de culto que adotam a Música Cristã Contemporânea e abandonam o uso de artefatos tradicionais, como paramentos litúrgicos. Por Movimento Litúrgico (ML) nos referimos à crescente inclinação para resgatar práticas litúrgicas, como o sinal da cruz, o crucifixo, uma alta reverência durante a liturgia da santa ceia, etc.

O movimento dos Cultos Contemporâneos na IELB é derivado do que Marriot chama de *Frontier Movement* dos EUA. No caso da IELB, as influências parecem vir majoritariamente dos *Contemporary Worship* da LCMS e da música dos cultos das igrejas pentecostais do Brasil, como a Igreja Batista da Lagoinha, e de bandas estrangeiras como Hillsong. Por seu turno, o Movimento Litúrgico parece beber bastante de fontes da internet, especialmente de blogs, páginas de Facebook e outros. O sinal da cruz, a valorização do uso do crucifixo, a adoção de rubricas como elevação da hóstia são alguns exemplos desse resgate. O problema das inovações de ambos os movimentos é o ritmo em que acontecem. Se a IELB levou 15 anos para a consolidação das vestes talaes e da Trienal, MCC e ML parecem querer fazer mudanças instantâneas, gerando crises desnecessárias nas congregações. Abordaremos isso mais tarde.

Na IELB, os dois movimentos concordam quanto à *Ordo*: batismo, santa ceia e Palavra e oração. Sendo assim, é ponto pacífico ter as Escrituras e o Livro de Concórdia como *loci orthodoxiae*. Numa congregação que somente oferece cultos contemporâneos, por exemplo, todos os cultos incluíam o sacramento do altar. Considerando que o culto é o palco exemplar dos atos de fala da *missio Dei*, então o MCC e o ML adotam a mesma gramática gerativa. As Escrituras, credos, confissões são o *loci of orthodoxy*, que funciona como a gramática que fornece “critérios estruturantes” do culto (MARRIOTT, 2017, p.15).³ Nesse sentido, Palavra e sacramentos são as marcas visíveis do corpo de Cristo que se reúne no culto divino (CA, VII). Se MCC e ML concordam sobre o principal elemento do culto confessional luterano, por que há tanta discordância e antagonismo?

DIVERGÊNCIAS

A *Ordo* e as adiaforas

A divergência entre o MCC e o ML diz respeito à “forma”, à adiafora e sua regra ou como ela afeta o conteúdo. Por exemplo, há muitas discussões sobre o uso de luzes de *led*, paredes pretas, incenso, crucifixo, casula, etc. Porém, acredito que sejam questões estéticas periféricas. Na minha opinião, a questão fundamental da polarização litúrgica são as reações conflitantes ao “niilismo normal” em que vivemos hoje e como essas reações relacionam o *ordo*, seus ordinários, inovações e os *loci orthodoxiae*.

Primeiro, devemos esclarecer o que significa niilismo normalizado. Niilismo significa que “os valores mais elevados se desvalorizam. Falta o objetivo; ‘Por quê?’ não encontra resposta” (NIETZSCHE, 1967, p.9). Nesse sentido, quando o niilismo diz que “Deus está morto”, não está afirmando que o Todo-Poderoso não existe mais, mas está atestando que

3 Marriott escreve: “O uso que Robert Schreier faz do modelo de Noam Chomsky para aquisição de linguagem é útil para estabelecer a tradição como um sistema de linguagem. Nessa analogia, a tradição, para Schreier, funciona como um sistema de linguagem, ou o sistema abrangente em que algo, neste caso, a fé cristã, é comunicado. As Escrituras, credos, confissões e outros “loci de ortodoxia” funcionam como como a gramática ou como o critério usado para estruturar os limites da expressão dentro do sistema linguístico”. (MARRIOTT, 2017, p. 15).

vivemos hoje *como se Deus não fosse real*. Assim, Deus e a fé cristã como “valores mais elevados” se desvalorizam em condições normais de niilismo. Okamoto (2017) explica com mais clareza: “‘Deus está morto’ é um diagnóstico para a situação cultural atual, não um apelo ao ateísmo”.

Dreyfus e Kelly (2011, p.20) dizem que “nós, no Ocidente moderno, não vivemos mais em uma cultura onde as questões básicas da existência já estejam respondidas para nós”.⁴

Nesse sentido, “o niilismo importa como uma característica normal da vida contemporânea, ou seja, como uma condição social objetiva” (OKAMOTO, 2018, p.41).⁵ Pode-se reagir dizendo que “não é assim na Igreja, só no ‘mundo’”. No entanto, não se pode negar que hoje os crentes cristãos têm razões para crer, “mas não para todos crerem” (OKAMOTO, 2018, p.39). E suas razões não são uma questão de verdade, mas de identidade. As pessoas geralmente acreditam porque sua fé faz sentido para elas e não porque é verdade (OKAMOTO, 2018, p.39).⁶ Nesse caso, concordamos com Okamoto ao dizer que seria “mais proveitoso pensar que estamos em casa no niilismo do que pensar que o niilismo está em casa entre nós” (OKAMOTO, 2018, p.35). Não são os sem-igreja “que pensam e negociam os ‘valores mais elevados’; ‘nós’ fazemos [isso] também” (OKAMOTO, 2018, p.42). O niilismo normalizado é, portanto, também uma condição subjetiva geral.

A igreja cristã sofre duas tentações gerais impostas pelo niilismo normalizado: **ou acomodar ou resistir**. Okamoto diz que “a acomodação caracteriza a ala cristã teologicamente “liberal” ou “progressista” e aceita que os valores mais elevados não têm um objetivo duradouro” (OKAMOTO, 2018, p.45). A acomodação tende a fazer “Deus e seu Filho e seu Espírito meros “instrumentos”, como disse Okamoto.⁷

4 Dreyfus e Kelly escrevem: “Friedrich Nietzsche, o grande filósofo alemão do final do século XIX, afirmou que Deus está morto. O que ele quis dizer com isso é que nós, no Ocidente moderno, não vivemos mais em uma cultura onde as questões básicas da existência já estão respondidas para nós. O Deus da Idade Média desempenhou o papel de responder às questões existenciais antes que elas pudessem ser feitas; mas tal papel não é mais concebível. Isso é verdade tanto para os crentes religiosos modernos quanto para os céticos...” (DREYFUS & KELLY, 2011, p.20).

5 O niilismo normalizado é explicado pelo filósofo James Edwards. Se o leitor deseja informações complementares, poderá ler “The Plain Sense of Things” de James Edwards (OKAMOTO, 2018, p.39).

6 Okamoto escreve: “Quando não há nada além da vontade de acreditar, sua religião – o valor mais elevado – se desvaloriza a si mesmo.” (OKAMOTO, 2018, p.39).

7 Joel P. Okamoto, *Theses to dispute in honor of Doctor Martin Luther*. Tese 53.

O que devemos fazer para evitar essa acomodação perigosa? Vamos resistir? Eu penso que não. A resistência, “que caracteriza a ala cristã teologicamente ‘conservadora’ ou ‘tradicional’” (OKAMOTO, 2018, p.35), permanece com os valores mais elevados, independentemente de servirem a algum propósito claro. Nesse caso, os cristãos ‘conservadores’ não são capazes de dialogar com pessoas que não possuem a mesma estrutura de pensamento ou visão de mundo. Ele/ela soa intolerante e fanático para eles. De fato, cristãos desse tipo geralmente tentam impor sua visão, ignorando outras ideias ou visões de mundo das pessoas. O resultado: ambos os lados se ignoram. O Movimento Litúrgico e o Movimento de Culto Contemporâneo são suscetíveis de sofrer a tentação de acomodação ou resistência. Tomemos primeiro o MCC.

O MCC presume que as mudanças nas formas e a exclusão das partes móveis (ordinárias) do culto não comprometem os *loci orthodoxiae*, que estariam garantidos pela manutenção das partes fixas do *ordo*: batismo, Palavra, santa ceia e orações. A diversidade e/ou supressão dos ritos tradicionais estariam baseados na liberdade dada pelo artigo VII da Confissão de Augsburgo: “[Para a unidade da Igreja] não é necessário que as tradições humanas ou ritos e cerimônias instituídos pelos homens sejam semelhantes em toda parte”. A MCC não defende a supressão absoluta do culto litúrgico tradicional e a promoção do culto contemporâneo como a única ou melhor forma de culto. Seus proponentes afirmam que um culto contemporâneo é viável em certos contextos culturais e locais. Costuma-se dizer que, como as pessoas são diferentes, com necessidades e visões diferentes, é difícil que o mesmo tipo de estilo de adoração seja adequado para todos. O culto contemporâneo seria, portanto, um tipo de “estilo de culto” adequado a determinados contextos brasileiros, assim como o culto tradicional e, eventualmente, um culto com alta liturgia, seria adequado para outros contextos.

O MCC enfrenta a tentação de particularizar o evangelho a um determinado contexto, a um determinado público e a um tempo específico. Essa tentação pode ser resumida nas seguintes perguntas:

- 1) De um modo geral, o culto contemporâneo se adapta a um público e cultura *hipster*. As músicas pop-rock da música cristã contemporânea se encaixam na maioria da cultura brasileira? Este estilo de adoração é meramente transplantado dos EUA?

Está realmente inculturado na cultura brasileira?⁸

- 2) Como podemos evitar que o comparecimento ao culto seja apenas uma questão de gosto, consumo e consumismo? Como podemos evitar a natureza individualista da sociedade moderna?
- 3) Abandonar as partes móveis da *ordo* não é muito revolucionário, constituindo-se uma ruptura com o passado? Não prejudica a conexão desta geração de crentes às anteriores?
- 4) Como nós, luteranos, podemos evitar “sacramentalizar” canções e louvores? Como podemos evitar esse “sacramentalismo solitário” antirritual e individualizado dos estilos de culto contemporâneo? (MARRIOTT, 2017, p.135).

Se o MCC está sob a tentação de acomodação ao niilismo normalizado como uma condição contemporânea, o ML é tentado a resistir a isso. No entanto, resistir significa permanecer com os “valores mais elevados”, independentemente de servirem a algum propósito claro. O ML sofre a tentação de impor sua visão, ignorando outras ideias ou visões de mundo das pessoas. O ML tende a considerar a liturgia uma realidade transcultural. De acordo com Marriott, Artur Just sugere que não apenas a estrutura e o padrão da Palavra e do sacramento, mas também seu entorno comum (ordinários) – *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus e Agnus Dei* – também são transculturais (MARRIOTT, 2017, p.14). Just escreve que “a liturgia histórica é transcendente e transcultural por causa de seu fundamento bíblico. É limpo, elegante e simples”. Nesse sentido, para Just, a liturgia da Palavra e do sacramento e seus ordinários “transcende todas as culturas e não representa uma cultura única porque é sua própria cultura” (MARRIOTT, 2017, p.33-34).

Ao transformar a liturgia e seus ordinários em uma realidade transcultural e absoluta, o ML é tentado a manter tendências sectárias. As tentações que cercam a ML podem ser assim resumidas:

8 Marriott escreve: “A filosofia geral dos movimentos de culto contemporâneos tem sido identificar-se com a ‘cultura’ e, ao fazê-lo, identificar-se com segmentos específicos (alvos) da cultura de uma maneira que se assume normatividade cultural nesses alvos específicos, ignorando a complexidade cultural de formação compartilhada e hermenêutica intercultural”. Ele continua: “Como parte da expressão cristã do movimento neocolonialista no mundo, as práticas de adoração contemporâneas são retratadas como superiores a outros contextos culturais, carregam suposições normativas sobre cultura (como o pressuposto de Rick Warren sobre a natureza transcultural do Rock and Roll), e muitas vezes não incluem outras perspectivas culturais”. (MARRIOTT, 2017, p.133-135).

- 1) Tratar o *ordo* e seus ordinários como uma cultura própria faz da liturgia uma realidade transcultural que não pode ser inculturada, mas apenas transplantada?
- 2) O simples transplante da liturgia não implica “ver toda cultura como má ou hostil a Deus”?⁹
- 3) Não vamos longe demais ao condenar qualquer tipo de emoção na adoração? Seria isso um maniqueísmo brando, que considera o raciocínio como bom e as emoções-sentimentos como maus? É uma boa teologia da Criação?
- 4) Ao enfatizar demais a noção de estrutura litúrgica ou *ordo*, podemos cair na idolatria da tradição?¹⁰

A análise que Marriott fez da guerra de adoração na LC-MS também se aplica à IELB. Ele escreve: “O ponto aqui é que enquanto tanto o Movimento Litúrgico quanto o Movimento Contemporâneo reivindicam uma orientação cristocêntrica, ambos os movimentos lutam com tensões e confusões entre substância e estilo, entre conteúdo e meios, entre inculturação e capitulação cultural” (MARRIOTT, 2017, p.111).

Um lado reconhece a inter-relação de conteúdo (os *loci orthodoxiae*) e estilo (forma), mas confunde conteúdo com estilo em muitas ocasiões. Eles pensam que o conteúdo tem uma forma canônica que é sempre contracultural – um transplante em vez de uma verdadeira inculturação. O outro lado não reconhece a interdependência entre conteúdo e forma, “tratando-os como duas entidades totalmente compartimentadas que pouco

9 “Leopoldo Sanchez, professor e teólogo da LC-MS que escreve sobre questões de cultura e liturgia, adverte, no entanto, que o perigo das atitudes contraculturais não está em sua preocupação com uma boa teologia, unidade da Igreja ou mesmo tradição passada saudável na face de uma cultura que é hostil ao evangelho. Em vez disso, o perigo está em ver toda cultura como ruim ou hostil a Deus. Nesses casos, a contracultura torna-se anticultural e monocultural, tornando a igreja sectária em vez de católica, e levando-a a excluir sumariamente as contribuições de outras culturas para a proclamação do evangelho na igreja através de várias formas de música”. (MARRIOTT, “Reframing the Worship War”, 206, quoting Leopoldo A. Sanchez, “Theology in Context: Music as a Test Case” in *Concordia Journal*, vol. 38, no. 3 Summer 2012 (St. Louis: Concordia Seminary), 217).

10 Marriott escreve: “James White sugere que o Movimento Litúrgico enfatizou de forma exacerbada a noção de estrutura litúrgica ou *ordo*: ‘a forma da liturgia é importante, mas também pode se tornar uma forma sutil de idolatria em si mesma’. não oferece uma estrutura ‘correta’ e que um senso de uniformidade mal idealizado ‘só pode existir ignorando todas as diferenças culturais entre nações e grupos dentro das nações, um preço muito alto a pagar pela uniformidade’”. (MARRIOTT, “Reframing the Worship Wars”, 186, quoting James White, *The Worldliness of Worship* (New York: Oxford Press, 1967), p.32.

se relacionam” (MARRIOTT, 2017, p.177). Nesse caso, a forma é algo que pode simplesmente ser adicionada a qualquer conteúdo – uma justaposição em vez de uma verdadeira inculturação. Marriott diz: “Ambos os polos não conseguem encontrar o meio confuso da verdadeira inculturação” (MARRIOTT, 2017, p.177).

MELHOR ABORDAGEM: O CULTO COMO UMA “TOMADA” DE TRANSCENDÊNCIA NO QUADRO IMANENTE DE HOJE

Parece-me que o culto como consumo ou como resistência ao niilismo normalizado não é a melhor maneira de fazer do culto o centro por excelência da interação entre a graça de Deus através da Palavra da promessa e nosso recebimento por meio da fé. Uma abordagem melhor é proposta por Charles Taylor e bem explicada por James Smith, de quem tomo emprestadas as ideias que seguem. Primeiro, devemos reconhecer que vivemos em uma condição de niilismo normalizado ou, como Taylor a chama, “moldura imanente” como “fundo para nosso pensamento” (TAYLOR, 2007, p.549). A moldura imanente é o contexto percebido no qual desenvolvemos nossas crenças. Smith diz que “a questão não é se habitamos o ‘quadro imanente’, mas como”.¹¹ Nesse sentido, Taylor diz que podemos (SMITH, 2014, p.95):

“habitar o quadro imanente onde reconhecemos a contestabilidade de nossa *opinião* sobre as coisas, e até mesmo sentir o puxão e a pressão cruzada da alternativa” (SMITH, 2014, p.95);
“ou deixaremos de reconhecer que o nosso é um ‘take’ e, em vez disso, nos contentaremos com ‘spin’, uma ‘imagem’ superconfiante dentro da qual não podemos imaginar que seja de outra forma e, assim, presunçosamente descartamos aqueles que discordam” (SMITH, 2014, p.95). Este seria o caso dos movimentos litúrgicos polarizados, seja MCC-IELB ou ML-IELB.

11 Habitamos agora nesta imanente e autossuficiente ordem, mesmo que acreditemos na transcendência. De fato, Taylor enfatiza a ubiquidade do quadro imanente: ela é comum a todos nós no mundo moderno Ocidental” ([A Idade Secular] p.543). Portanto, a questão não é se habitamos na moldura imanente, mas como habitamos (SMITH, 2014, p.93, ênfase do autor)

Quadro 1: Uma matriz de opções

	TAKE (Tomada)	SPIN (Giro)
Transcendência	Convergência e Inculturação	Polos mais radicais do Culto Contemporâneo e Movimento Litúrgico
Imanência		da Academia

Fonte: James Smith em *How (Not) to Be Secular: reading Charles Taylor*; 2014, p.95.

A Academia oferece um imanente *spin* assumindo que o quadro imanente é fechado, e é a única coisa real. Como ato de resistência ao niilismo normalizado, os movimentos de adoração polarizados parecem oferecer um “giro” transcendente com a defesa de suas posições em relação aos *loci orthodoxiae* e ao *ordo*. Já vimos antes que esta não é a melhor opção para *missio Dei* e adoração. A abordagem que gostaríamos de propor é adotar uma “tomada” transcendente. Nesse sentido, não devemos ter uma “posição” sobre a transcendência; “ao invés disso, temos uma ‘tomada’ das coisas dentro do quadro imanente”, como propõe Smith (SMITH, 2014, p.94). Ao usar takes, podemos testemunhar que há muito mais sobre a realidade do que as pessoas contemporâneas costumam supor no quadro imanente. Esse procedimento – adotando um “tomar” transcendente – nos ajuda a evitar tomar o e os *loci orthodoxiae* como (OKAMOTO, 2019, p.46) um “giro” confessional fechado.¹² Seguindo Charles Arand, queremos realizar uma abordagem hermenêutica “canônica” das Confissões e da Bíblia, ou seja, queremos “interpretar as confissões à luz da confissão ‘Jesus é Senhor’ e do evangelho que dá origem à confissão”, como disse Okamoto (OKAMOTO, 2019, p.46). Gostaríamos de ser “construtivos em vez de defensivos, proativos em vez de reativos” (OKAMOTO, 2019, p.47).

Uma boa maneira de tomar um *take* transcendente com uma abordagem canônica em relação ao culto é seguir o conselho de Okamoto em conceber “a mensagem cristã e a teologia cristã como uma ‘estrutura de interpretação’” (OKAMOTO, 2018, p.42). Deus e a humanidade. Palavra e sacramentos são takes transcendentais em um quadro imanente. Assim, a forma, a palavra, a

12 Okamoto escreve: “[para Sasse] a tarefa mais necessária é esta, que voltemos a aprender a ler Lutero e as Confissões”; no entanto, “este conselho pressupunha a cristandade, um consenso social sobre Deus e a Igreja Cristã. Hoje esse consenso se foi. Hoje nossa tarefa é maior”. (OKAMOTO, 2019, p.36).

música, a imagem e os rituais devem envolver as pessoas (cristãos e ainda não cristãos) em uma narrativa que permeia tudo e todos em “algo público, algo católico e algo objetivo”, como diz Okamoto (OKAMOTO, 2015).

INCULTURAÇÃO E CONVERGÊNCIA

Marriott, citando Chupungco, concorda que “a inculturação fala profeticamente sobre as próprias questões que a LC-MS enfrenta nesta geração atual: [A inculturação] não deve causar a fragmentação da igreja nem de seu culto. O que deve visar é permitir variações na expressão cultural de uma mesma tradição e *práxis* litúrgicas, e não o afastamento destas” (MARRIOTT, 2017, p.60). Nesse sentido, a inculturação é basicamente “a tradução fiel em valores, padrões e instituições culturais diferentes, mas adequados, daquilo que as igrejas receberam dos apóstolos” (MARRIOTT, 2017, p.29). Assim, a inculturação promove a unidade e não introduz práticas totalmente alheias à mensagem do evangelho. Assim, a inculturação não é um transplante de uma “realidade atemporal, imutável e acultural em uma cultura particular”, mas sempre um encontro ou diálogo intercultural entre pelo menos duas culturas” (MARRIOTT, 2017, p.3).

Em uma conversa santa e abençoada, MCC-IELB e ML-IELB podem ajudar a igreja a trabalhar na inculturação do culto luterano no Brasil. Se *missio Dei* é um ato de fala do Deus salvador e gracioso, somos chamados por Deus para falar. Somos chamados a falar uns com os outros e com os não alcançados. Marriott acredita que “a inculturação orgânica pode ajudar a sanar a brecha criada pelos dois movimentos, ao mesmo tempo em que dá a cada movimento ferramentas adicionais para um projeto mais amplo de diálogo e inclusão” (MARRIOTT, 2017, p.139).

Embora pareça haver o crescimento de movimentos radicais e polarizados no embate pelo culto, a grande maioria dos membros da IELB é moderada e aberta ao diálogo. Acredito que esses cristãos moderados e eirênicos devem impedir ativamente que o culto se torne um campo de batalha. A IELB precisa extrair o melhor dos dois mundos e não ceder às tentações que cercam a polarização litúrgica. Chegou a hora de priorizar o culto nos assuntos sinodais, proporcionando um desenvolvimento e resgate

orgânico da liturgia, sem desconsiderar que a tradição litúrgica está aberta a mudanças. Esse tipo de movimento provavelmente terá mais sucesso do que a engenharia genética litúrgica, onde estamos sempre intervindo para tornar a liturgia contemporânea” (MARRIOTT, 2017, p.215).

Acredito que presenciaremos um movimento de convergência, onde ambos os movimentos dialogarão e trabalharão juntos, mesclando o antigo com o novo. Há espaço para isso:

As gerações emergentes procuram o antigo. Dan Kimbal (2004, p.73) escreve:

O irônico é que, entre as gerações emergentes, há um desejo de buscar o antigo. Há até uma reação contra a igreja se parecer como uma empresa moderna. Assim, um renascimento da liturgia e outras disciplinas antigas, quando trazidas de volta com vida e significado, são uma abordagem desejada para o culto na igreja emergente. Não estou sugerindo que abandonemos todas as formas contemporâneas de adoração e música. Estou simplesmente sugerindo que não ignoremos 2.000 anos de história da igreja. Existem belas expressões de adoração de vários períodos de tempo que podemos integrar na forma como adoramos hoje.

Além disso, no Brasil, igrejas emergentes estão recuperando elementos litúrgicos. Por exemplo, o *Vineyard Praise Ministry* inclui o ano eclesialístico em seus encontros de adoração.

Há ainda um perceptível crescimento do interesse dos jovens na rica tradição litúrgica da igreja cristã. Muitas pessoas oriundas de igrejas pentecostais ou emergentes têm procurado igrejas históricas com genuíno interesse pelas formas tradicionais de culto. Elas buscam o take em transcendência que a liturgia enraizada na tradição cristã pode oferecer. Nesse caso, o luteranismo, por possuir um “DNA litúrgico” pode ser uma forte voz evangelística nos tempos de niilismo normalizado. Acredito que a IELB deva aproveitar esse privilegiado lugar de pregação.

A inculturação do culto exige excelência. Se a maioria das canções *gospel* atuais importam a musicalidade pop, os cristãos luteranos brasileiros precisam atender à necessidade de compor novas expressões musicais. A indústria da música cristã contemporânea brasileira é muito menos diversificada e rica do que na década de 1980 e 1990. No Brasil, a atual

música cristã contemporânea é chamada pejorativamente de *worshipismo* e recebe críticas até de igrejas emergentes e pentecostais. Algumas das críticas são elitismo cultural (“esta é uma música muito simples”),¹³ mas várias outras críticas têm sua razão de ser (“a letra é absurda e soa como um mantra com repetições infinitas”).

Os jovens da JELB perceberam essa realidade. Nas “95 Teses para a Igreja Hoje” (JELB, 2020, p.6), eles escrevem:

Tese 50: “Lamentamos a transformação do culto público a Deus em momentos de puro entretenimento “gospel”, com a presença de animadores de auditório e pastores que, vazios da Palavra, enchem o povo de bobagens e frases de efeito que nada tem a ver com a simplicidade e profundidade do Evangelho de Cristo (Rm 12.1-2). Tese 51 – Que haja consciência sobre aquilo que se canta. Que sejamos fiéis à Palavra quando diz “cantarei com o meu espírito, mas também cantarei com meu entendimento”. Que os cânticos e hinos sejam mais centralizados em Deus no que na primeira pessoa do singular (eu). Também rejeitamos as músicas que consistem em repetições infundáveis, a fim de levar o povo ao êxtase induzido, fragilizando a mente de receber a Palavra e prestar a Deus culto racional, conforme as Escrituras (Rm 12.1-2; 1Co 14.15; Jo 3.30; 1Co 14.15).

A excelência e competência estética dos músicos do MCC-IELB podem superar a industrialização e homogeneização da música cristã atual, promovendo a música cristã brasileira. Músicos e artistas luteranos têm um chamado para abençoar o cristianismo brasileiro com canções bíblicas e teologicamente bem fundamentadas. Por exemplo, há pouca dimensão sacramental (batismo e santa ceia) nas músicas do *worshipismo* brasileiro. Músicos luteranos poderiam compor canções que apontassem mais para os sacramentos. Também não seria lindo participar de um culto divino com um *Kyrie* e *Te Deum Laudamus* no *pagode* ou *chorinho*?

As possibilidades são inúmeras. No mínimo, podemos ter canções contemporâneas e cultos altamente litúrgicos coexistindo e cooperando no mesmo Sínodo e dialogando para não ceder às tentações que cada

13 Em um episódio do podcast “Paxtorção”, uma crítica ao “worshipismo” relaciona-se à sua simplicidade e alegada pobreza musical. Disponível em: < >. Acesso em: 9 mai.2022.

abordagem enfrenta. Por outro lado, eu não escondo minha preferência em ver o surgimento de um culto mesclado (*blended*), em que o *ordo* e seu ordinário se misturam com a linguagem e a musicalidade contemporâneas – no caso do Brasil, músicas que vão além dos hinos europeus e do pop-rock, mas que trazem elementos típicos da musicalidade brasileira. Talvez, este seria o início de uma verdadeira inculturação do culto luterano em solo brasileiro.¹⁴ Será um culto paradoxal, em que o evangelho será proclamado e, ao mesmo tempo, os membros da igreja serão ensinados através da riqueza litúrgica, e os ainda não cristãos verão o evangelho como takes de transcendência que apontam para além do imanente.

Acredito que dessa forma seremos fiéis às palavras de Nagel: “Cada geração recebe daqueles que vieram antes e, ao fazer sua a tradição do culto (Serviço Divino), acrescenta o que melhor pode servir em seu próprio dia – a herança viva e algo novo” (NAGEL, 1986, p.6), ou, talvez mais precisamente, a herança viva *como* algo constantemente *renovado*.

Meu sonho é ver minhas filhas cantando o belo *Magnificat* e “Eu me rendo”, da Renascer *Praise*. Vamos nos deliciar com nossa herança viva e com algo novo. Não só devemos evitar uma guerra, mas com uma atitude de convergência e inculturação, podemos proclamar o evangelho de Cristo aos ainda não cristãos, ao mesmo tempo em que discipulamos os cristãos. Nessa convergência, o culto permanecerá o lugar por excelência da interação performativa entre o Deus da graça e o ser humano. Vamos continuar conversando!

14 Raul Blum escreve que “Uma atitude luterana para com o culto é sempre de prudência. Radicalizações provocam reações e insatisfações. Se quisermos sempre mudanças, ignorando nossas heranças, estaremos em busca constante de novidades e não nos firmaremos em nada. Por outro lado, se não admitimos mudanças, corremos o risco de seguir uma ordem de culto simplesmente por segui-la, sem refletir sobre seu conteúdo. Aliás, precisamos estar conscientes de que a liturgia histórica já sofreu inúmeras revisões e adaptações locais para que seja executável pelo povo daquela localidade ou país. As traduções da Bíblia sofrem constantes revisões para que a sua mensagem retrate o que realmente foi escrito originalmente”. (Raul Blum, “A Palavra imutável num mundo mutável”. *Messageiro Luterano*, Porto Alegre, mai.2014 – publicado no site oficial em junho de 2020. Disponível em : <<https://www.ielb.org.br/noticias/visualizar/6994/a-palavra-imutavel-num-mundo-mutavel&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1>>. Acesso em: 14 abr.2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYER, Osvald. *Freedom in Response: Lutheran Ethics: Sources and Controversies*. Oxford UK: Oxford University Press, 2007.
- BLUM, Raul. “A Palavra imutável num mundo mutável”. *Mensageiro Luterano*, Porto Alegre, mai.2014 – publicado no site oficial em junho de 2020: Disponível em: <<https://www.ielb.org.br/noticias/visualizar/6994/a-palavra-imutavel-num-mundo-mutavel&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1&r=1>>. Acesso em: 14 abr.2022.
- BOSCH, David. *Missão transformadora*. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BUSS, Paulo W. Uma Proposta Litúrgica para a IELB. *50ª Convenção Nacional da IELB*. São Leopoldo: IELB, jan.1986.
- DREYFUS, Hubert and KELLY, Sean Dorrance. *All Things Shining: Reading the Western Classics to Find Meaning in a Secular Age*. New York: Free Press, 2011.
- GILL, Ann, *Rhetoric and Human Understanding*. Waveland Press, 1994.
- Graff, Anselmo. *Teologia da missão da Igreja*. Ulbra: Canoas, 2011.
- JUVENTUDE EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. *95 Teses para a Igreja Hoje*. JELB, 2021. Disponível em: <<https://www.ielb.org.br/noticias/visualizar/7299/institucional/politica-de-privacidade>>. Acesso em: 02 mai.2022.
- KIMBALL, Dan. *Emerging Worship: Creating Worship Gatherings for New Generations*. Grand Rapids: Zondervan, 2004.
- LIVRO DE CONCÓRDIA: *As Confissões Luteranas* – Edição para Leitores do Livro de Concórdia. 2.ed. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2007.
- MARRIOTT, James. *Reframing the Worship Wars in the Lutheran Church-Missouri Synod: An Analysis of Ordo and Music through the Lens of Inculturation and Cultural Hermeneutics*. PhD dissertation, Garret-Evangelical Theological Seminary, 2017.
- MILLER, M. Rex, *A Matriz do Milênio: Recuperando o Passado, ressignificando o Futuro da Igreja*. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.
- NAGEL, Norman. “Introduction”. *Lutheran Worship*. St. Louis: Concordia, 1982.
- NEWBIGIN, Lesslie. *The Open Secret. An Introduction to the Theology of Mission*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *The Will to Power*. Walter Kaufmann e RJ Holingdale (Trads.). Walter Kaufmann (Ed.). New York: Random House, 1967.

POE, Marshall T. *A History of Communications*. Cambridge: Cambridge Press, 2011.

OKAMOTO, Joel P. When Salt Loses its Saltiness: Nihilism and Contemporary Church. *Concordia Journal*, v.44, n.4, p.33-49, Fall 2018.

_____. The word of the Cross and the Story of Everything. *Concordia Journal*, v.41, n.3, p.51-66, Winter 2015.

_____. Making Sense of Confessionalism Today. *Concordia Journal*, v.45, n.3, p.34-48, Summer 2019.

_____. *Theses to dispute in honor of Doctor Martin Luther*. Saint Louis, MO: Concordia Seminary, 2017.

_____. *Theology after the Death of God*. Saint Louis, MO: Concordia Seminary, 2021, session 3.

PRIETO, Ely; LEHENBAUER, Oscar. O culto Luterano. In: *56ª Convenção Nacional da IELB*. Porto Alegre: IELB, 1992.

SANCHEZ, Leopold A. Theology in Context: Music as a Test Case. *Concordia Journal*, v.38, n.3, p.205-224, Summer 2012.

TAYLOR, Charles. *The Secular Age*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

SMITH, James. KA. *How (Not) to Be Secular*. Reading Charles Taylor. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2014.

VICEDOM, Georg F. *A Missão como Obra de Deus*. Introdução à Teologia da Missão. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1996.